



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Sociedade Martins Sarmento

Instituição fundada em 1882

Promotora da Instrução Popular no Concelho de Guimarães

Louçada em Portarias de 20-XI-1882, 8-III-1901 e 9-II-1940

Considerada de Utilidade Pública, por Dec. de 30-XII-1926

Condecorada com o Grande-Oficialato da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada

Biblioteca e Arquivo de Manuscritos.

Museu de Arqueologia, Numismática, Arte e Etnografia.

Estações Arqueológicas de Sabroso e da Citânia de Briteiros

(a 15 quilómetros de Guimarães).

Revista de Guimarães

Compram-se na S. M. S. os seguintes números:

Do 1.º vol. (1884) os n.ºs 2, 3, 4	Do 13.º vol. (1896) os n.ºs 1, 2
Do 2.º vol. (1885) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 14.º vol. (1897) os n.ºs 1, 2, 3
Do 3.º vol. (1886) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 15.º vol. (1898) o n.º 3
Do 4.º vol. (1887) o n.º 1	Do 18.º vol. (1901) os n.ºs 1, 2
Do 5.º vol. (1888) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 32.º vol. (1922) os n.ºs 2, 4
Do 6.º vol. (1889) os n.ºs 1, 2	Do 33.º vol. (1923) os n.ºs 2, 3
Do 7.º vol. (1890) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 34.º vol. (1924) os n.ºs 1, 2, 3
Do 8.º vol. (1891) os n.ºs 1, 2, 3, 4	Do 35.º vol. (1925) o n.º 1
Do 9.º vol. (1892) o n.º 1	Do 36.º vol. (1926) o n.º 3
Do 11.º vol. (1894) os n.ºs 3, 4	Do 44.º vol. (1934) o n.º 1.
Do 12.º vol. (1895) os n.ºs 1, 2, 3, 4	

Vendem-se volumes completos aos preços seguintes:

Volume 10.º (1893)	15\$00 cada
Volumes 16.º, 17.º e 19.º a 29.º (1899 a 1912).	12\$00 >
Volume 30.º (1913)	6\$00 >
Volume 31.º (1921), 37.º (1927) e seguintes.	10\$00 >

Vendem-se números avulsos aos preços seguintes:

Dos volumes 1.º a 29.º (1884 a 1912)	4\$00 >
Dos volumes 31.º (1921) e seguintes.	3\$00 >

Edições da Sociedade Martins Sarmento:

Guimarães e Santa Maria, por Oliveira Guimarães (Abade de Tãgilde)	5\$00
Abastecimento de águas potáveis, por Oliveira Guimarães	3\$00
Romagem dos Séculos, por Eduardo de Almeida	10\$00
A Tradição e a Terra, por Joaquim Costa	5\$00
Alberto Sampaio, por Jaime de Magalhães Lima	7\$00
Citânia e Sabroso, por Mário Cardozo	10\$00
Colecção de estampas, por Tibúrcio de Vasconcelos	7\$00
Catálogo do Museu de Martins Sarmento, por Mário Cardozo:	
I parte (<i>Epigrafia</i>)	15\$00
IV parte (<i>Arte e Etnografia</i>)	7\$50
Citânia e Sabroso (notícia resumida), por Mário Cardozo	2\$00

D I S P E R S O S

Colectânea de artigos publicados por Martins Sarmiento, desde 1876 a 1899, sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pre-Histórica.

Obra comemorativa do 1.º Centenário do nascimento do Autor, ilustrada com 71 gravuras e realizada sob os auspícios da Soc. Martins Sarmiento.

Papel de linho, 100\$00. Papel de algodão, 50\$00.

Pedidos à **Imprensa Nacional de Lisboa**

“ REVISTA DE GVIMARÃES ”

VOLUME ESPECIAL PUBLICADO EM 1940

Colectânea de Estudos de investigação histórica relativos às épocas da FUNDAÇÃO e da RESTAURAÇÃO de Portugal. Colaboração literária de alguns dos mais notáveis Professores e Eruditos nacionais. Edição da Sociedade Martins Sarmiento, subsidiada pela Câmara Municipal de Guimarães.

Artística obra de luxo, de esmerada apresentação, com numerosas fotografuras de página, desenhos e duas tricromias. Formosa recordação do DUPLO CENTENÁRIO e valiosa espécie bibliográfica.

Um volume de 0,24 x 0,32, com 276 páginas.
Preço 60\$00 escudos.

Pedidos à **Sociedade Martins Sarmiento**

“Vimaranis Monvmenta Historica a saecvlo nono post Christvm vsqve ad vicesimvm”

Obra patrocinada pela Câmara Municipal de Guimarães e coligida pela Soc. Martins Sarmiento

Um grosso volume, de cerca de 540 páginas in-fólio, contendo 285 documentos, na sua maioria inéditos e do mais alto valor subsidiário para a História da Nacionalidade Portuguesa, referentes ao território vimaranense e seu antigo alfoz. Foram extraídos, principalmente, do precioso Arquivo da Colegiada de Guimarães e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Volume completo (I e II partes) . . . 100\$00

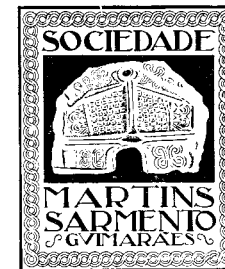
Pedidos à **Sociedade Martins Sarmiento — GUIMARÃES**

VOLUME
LI

N.º 3

JULHO-SETEMBRO
1941

REVISTA DE GVIMARÃES



Sumário:

CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE
ALBERTO SAMPAIO

PARA

JOAQUIM DE ARAÚJO
MARTINS SARMIENTO
OLIVEIRA MARTINS
ABADE DE TÁGILDE
LUÍS DE MAGALHÃES

Fascículo consagrado pela Soc. M. Sarmiento
à Memória do Historiador Vimaranense,
no Centenário do seu nascimento.

1941

GUIMARÃES

TIP. MINERVA VIMARANENSE

REVISTA DE G VIMARÃES

FUNDADA EM 1884

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DA
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

PUBLICA-SE TRIMESTRALMENTE, EM FASCÍCULOS DE 48 PÁGINAS

PREÇO DO FASCÍCULO:

3 \$ 00.

POR ASSINATURA:

1 ANO (4 fascículos) — **10 \$ 00.**

Os artigos publicados nesta Revista são da plena
responsabilidade dos seus Autores.

A colaboração é solicitada.

Tôda a correspondência deve ser endereçada à sede da
Sociedade Martins Sarmento — G U I M A R Ã E S .

Os nossos Sócios Honorários

ALBERTO SAMPAIO

A propósito do Centenário do seu nascimento

(1841 + 1941)

No dia 15 de Novembro dêste ano de 1941 completa-se um século após o nascimento de ALBERTO SAMPAIO na cidade de Guimarães (1). Seria profundamente lamentável que esta data, digna de menção e devoção, passasse esquecida, muito especialmente dos conterrâneos do eminente Historiador.

A Sociedade Martins Sarmento, que tão viva simpatia mereceu a ALBERTO SAMPAIO, quer pela Obra cultural e educativa cujos alicerces êle ajudou a lançar, quer pelo prestígio do sábio e do amigo em cuja honra ela foi erguida — não podia ficar indiferente aos altos serviços que a historiografia nacional deve ao insigne erudito de *As Villas do Norte de Portugal*, como não pode esquecer o legítimo orgulho que a esta terra de Guimarães cabe por ter sido o lar natalício de tão preclaro estudioso. Nem foi mesmo indispensável aguardar o momento e o estímulo da passagem do Centenário do seu nascimento, para que, dentro desta Sociedade (já lá vão quasi 20 anos...), quando poucos conheciam ainda, e raros falavam da Obra de ALBERTO SAMPAIO, se reavivasse aqui a sua Memória ilustre

(1) Alberto Sampaio nasceu na antiga rua dos Mercadores, actual da República, no prédio com os n.ºs de policia 124 a 130, que pertenceu ao Cónego José de Abreu Cardoso Tei-

e se erguesse uma voz solene, a mais autorizada, afirmando o valor dessa Obra e a legítima glória do seu autor: em hora festiva veio, então, até nós Jaime de Magalhães Lima, o amigo dilecto do Historiador vimaranense, trazer-nos, qual peregrino de uma romagem piedosa, a oferenda espiritual do seu verbo de ouro, naquela primorosa Conferência, em que nos falou de «ALBERTO SAMPAIO e o significado dos seus estudos na interpretação da História Nacional» (1).

¿Mas hoje, como então, ainda será preciso, infelizmente, revelar ALBERTO SAMPAIO a tantos portugueses, ensinar êste nome à maioria dos vimaranenses?! Quem foi ALBERTO SAMPAIO?! ¿Pois haverá de ensinar-se a quem quer que se preze e se orgulhe das glórias da terra em que nasceu, o nome do erudito, do historiador cultíssimo, cujo retrato, primorosa obra de crítica literária, nos foi dado pela pênna brilhante de Luís de Magalhães (2) e, quasi a seguir, pela palavra sugestiva

xeira, seu tio-avô e padrinho. Transcrevemos a cópia do assento de baptismo, que nos foi amavelmente cedida pelo sobrinho do Historiador, Sr. Dr. António Vicente Leal Sampaio:

Assento de nascimento a fl. 235 v.º do livro 5.º dos assentos de baptismo relativo ao ano de 1841, da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da cidade de Guimarães: —

«Alberto, filho legítimo de Bernardino de Sampaio e Araujo, natural da freguezia de São Christovam de Cabeçudos, e de sua mulher Donna Emilia Ermelinda Cardoso Teixeira, natural desta freguezia, e recebidos na dicta de Cabeçudos, elle morador em Celorico de Basto, como Juiz de Direito que é defse Julgado, e ella ao presente em casa de seu tio materno o Reverendo Conego José de Abreu Cardoso Teixeira, na rua dos Mercadores desta freguezia, ne/sa casa nasceu no dia 15 de Novembro de mil oito centos quarenta e um, e ne/se mesmo dia foi por mim baptizado na pia baptismal desta Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, na villa de Guimaraens, e houve os Sanctos Oleos: foram padrinhos o sobre-dicto Conego tio, e sua irmã Donna Anna Rita Teixeira de Abreu Cardoso e Cunha, avô materna do baptizado, por meio de seu procurador João Barroso Pereira, fidalgo da Casa de Sua Magestade, e morador com o mesmo padrinho. Do que fiz este a/sento, que assigno, era ut supra. — O Conego Cura José Joaquim d'Abreu.»

(1) Conferência realizada na Soc. Martins Sarmento em 7 de Abril de 1924. Publicada em edição da Sociedade, Guimarães, 1924.

(2) Prefácio de Luís de Magalhães, «Alberto Sampaio e a sua Obra», nos *Estudos históricos e económicos*, reunião em volume dos principais trabalhos de Alberto Sampaio. Pôrto, 1923.

e harmoniosa de Jaime de Magalhães Lima?! (1) Não. Se a Obra de ALBERTO SAMPAIO não fôsse bastante para falar por si, e se o perfil biográfico que dêle traçaram, de um modo inexcedível, dois dos seus mais queridos e íntimos amigos não chegasse para reafirmar o alto valor dessa Obra, — inútil e vão seria tentar dizer melhor o que já foi dito com uma elevação, um senso crítico, uma nobreza de pensamento e uma perfeição de linguagem difficilmente atingíveis. Melhor seria, então, deixarmo-nos vencer pela convicção desoladora de que, realmente, os homens da envergadura mental e moral de ALBERTO SAMPAIO são grandes de mais para um país tão pequeno como o nosso. Mas, não! Se ainda existem, neste país de analfabetos, muitos portugueses que desconhecem os nossos grandes obreiros do espírito, também é indiscutível que, nas últimas décadas, o movimento das ideias e da Cultura nacional se tem modificado progressivamente, o bastante para permitir uma revisão conscienciosa dos nossos valores mentais, e uma apreciação, justa e devida, do mérito daqueles cuja obra se havia perdido no esquecimento e na voragem de um período de manifesta decadência, em que a Nação se debatia. Ao nosso renascimento económico e saneamento político anda, assim, ligada uma reacção espiritual bem sensível, nas Letras, na Ciência e nas Artes, cuja claridade aureoreal começa, enfim, a dissipar a treva em que até agora tínhamos vivido. A Obra de ALBERTO SAMPAIO já não é hoje ignorada por quem se preze de culto, por quem se orgulhe de dar o seu esforço e de prestar o seu concurso à nossa reíntegração no espírito e na cultura europeia contemporânea. O pensamento que animou a Obra de ALBERTO SAMPAIO é hoje luzeiro e guia das actuais gerações, orientadas num sentido vincadamente nacionalista. Entre o escol intelectual do fim do século XIX, eivado de demolidores e derrotistas, destaca-se um grupo corajoso de reconstrutores, os homens da *Portugália*, em cujo movimento de renovação mental e nacional ALBERTO SAMPAIO colaborou com tão marcado brilho.

(1) Conferência citada.

Mas ALBERTO SAMPAIO foi, de facto, até há pouco mais de 15 a 20 anos a esta parte, um singular desconhecido. Os seus primorosos trabalhos fundamentais — *As Villas do Norte de Portugal* e *As Póvoas marítimas* — eram apenas lidos, apreciados e estudados por uma escassa meia dúzia de espíritos curiosos, que ainda folheavam essas páginas esquecidas. Ao tempo da publicação de tão notáveis trabalhos, a forte personalidade do seu autor não logrou igualmente tornar-se mais conhecida, pois, com excepção do grupo de amigos com quem convivia — Antero, Sarmiento, Oliveira Martins, Luís de Magalhães, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e alguns mais — únicos que verdadeiramente apreciavam o seu altíssimo talento, foi para os restantes um ignorado; nunca os elogios da crítica se ocuparam do seu nome e dos seus trabalhos históricos, que aliás podem, sem favor, enfileirar, se não pela extensão, pelo menos no valor intrínseco, com os melhores de Herculano ou de Gama Barros. A propósito do seu retraimento, comentou Luís de Magalhães: «para espíritos desta ordem, desprendidos de si, vivendo apenas para o objecto dos seus estudos, encontrando na actividade mental o maior prazer da vida, — a popularidade é sempre indiferente, quando não importuna» (1).

ALBERTO SAMPAIO foi assim, por educação e por índole, um homem isolado, de maneiras e hábitos singelos. Èle próprio se retrata, em duas linhas, quando pretenderam investi-lo na prosaica missão de deputado: «Sceptico, excentrico, cada vez mais separado do mundo, nada tenho que fazer em Lisboa, como representante de quaesquer eleitores» (2). O seu temperamento repudiava as ostentações do orgulho e da vaidade, compenetrado daquela singeleza e humildade natural que distingue todos os homens verdadeiramente superiores e sábios, conscientes, por isso mesmo, da inanidade do conhecimento

(1) Vide prefácio citado dos *Estudos Hist. e Económicos*, vol. I, pág. IX.

(2) Carta de Alberto Sampaio para Luís de Magalhães, de 10-4-1892.



Alberto Sampaio

humano perante o problema filosófico do mundo e da vida.

Uma Senhora, de espírito superiormente sensível e invulgarmente culto, D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, Viúva do notável Escritor e Estadista que foi Luís de Magalhães, traçou, ainda há pouco, de ALBERTO SAMPAIO êste conceito feliz e justo: «na minha longa vida não conheci, nunca, homem mais modesto! Quási pedia desculpa do seu saber e do seu valor às pessoas com quem convivia!»

Amava profundamente a formosa terra minhota, estes campos e estes montes, a nossa vida rústica, tão pobre e tão feliz, as coisas simples e naturais que prendem o homem nortenho ao recanto acolhedor onde nasceu. E, neste entranhado amor, nesta compreensão da união íntima do cavador à labuta da terra, é que havemos de encontrar a génese e a razão de ser, a *idea mater* que dominou os seus estudos — a influência da grei nas origens da forinação social e política da nação.

ALBERTO SAMPAIO foi um historiador na mais alta e nobre expressão da palavra. Mas, para fazer História, não se limitou a reproduzir textos, porque os textos são apenas materiais dispersos com que há-de construir-se o monumento histórico. Um conjunto de diplomas não pode constituir, por si só, um trecho de história, porque uma colecção diplomática apenas pode fornecer ao historiador os elementos em que a narrativa histórica se baseia. Ler e transcrever documentos não é fazer história, mas simplesmente desempenhar a missão do paleógrafo, essencialmente mecânica e material. A recolha dêsses documentos em vista de um determinado objectivo histórico, já é missão mais delicada e que demanda um critério de organização, de método, de inteligência. Finalmente, a interpretação dos textos seleccionados, a evocação do ambiente e da época em que êles foram redigidos, da sua finalidade e razão de ser, a luz que êles trazem para a reconstituição verídica dos factos e para o esclarecimento das personagens, o aproveitamento que dêles se pode tirar para a confirmação das tradições, a possibilidade de, com o seu testemunho, animar a acção e mover as figuras, não como autómatos, mas com a sua vida natural

e própria — nisso consiste a verdadeira missão do historiador; porque a História não pode ser uma ficção dominada pelo subjectivismo das reacções e das paixões pessoais, nem tampouco um mero exame anatómico e servil de velhos códices, reeditados sem um esforço de evocação, sem o menor frémio de vida. As aquisições da História hão-de ser imparciais, sem dúvida, mas não inexpressivas e frias como coisa morta. A História tem de ser, como a definiu Michelet — uma ressurreição. Pelo rigor da diplomática — uma ciência, pela evocação viva do passado — uma arte. Este mesmo conceito nos apresenta o Etnógrafo Luís Chaves ao afirmar: «ALBERTO SAMPAIO foi um historiador completo. Escreveu a história com arte e imaginação. «Em toda a obra ocorre imaginação, se bem com medida diversa, como em toda a obra é desejável o carácter artístico da exposição», — di-lo Xénopol, historiador» (1).

Ora ALBERTO SAMPAIO compenetrara-se intuitivamente, estruturalmente, deste espírito do verdadeiro historiador, porque as páginas da sua obra de investigação palpitam de vida, sem contudo se afastarem um momento dos limites estabelecidos pela verdade documental.

O período histórico de que ele se ocupou tem para nós, além disso, o maior dos interesses, porque veio preencher uma lacuna, veio projectar intensa luz e estabelecer a continuidade indispensável entre as notícias clássicas relativas aos ocupantes primitivos do território, ou sejam as populações dos nossos castros pré- e proto-históricos, e o limiar da história pátria, através desse intervalo obscuro da decadência e fim do domínio imperial na Península, das invasões bárbara e muçulmana, até à reacção neo-goda e aos primórdios da formação da nacionalidade. Pode afirmar-se, com Luís de Magalhães, que ALBERTO SAMPAIO estabeleceu a ligação entre a Obra de Martins Sarmiento e a de Herculano (2).

(1) Artigo de Luís Chaves, intitulado «Alberto Sampaio na História de Portugal», inserto no Jornal *Novidades* (Lisboa) de 25-5-1941.

(2) Prefácio citado, pág. xxvi.

O estudo de *As Villas do Norte de Portugal* foi por ele tratado com o maior carinho, e absorveu-lhe completamente o espírito durante alguns anos da sua vida. A seguir às *Villas* vieram as *Póvoas marítimas*. Ao iniciar o segundo destes importantíssimos trabalhos, dizia ele: «Ao trabalho da terra segue-se o do mar; às «villas» rústicas, as povoações costeiras» (1). Mas, infelizmente, já o não pôde completar e documentar como desejava, porque a morte lho não consentiu.

Foi um carácter primoroso, austero e íntegro. Dêle disse Luís de Magalhães que «raramente o espírito, o carácter e o coração se terão simultaneamente elevado e equilibrado num indivíduo, como se elevaram e se equilibraram na personalidade de ALBERTO SAMPAIO» (2). E as qualidades de carácter também se hão de apreciar no historiador, porque a sua maneira de ser moral influíu poderosamente na orientação e nos métodos que usou nos seus estudos, imprimindo-lhes uma seriedade, uma honestidade de processos, uma conduta literária, que por vezes tanta falta faz à reputação de um escritor. Não há probidade intelectual desligada da maneira de ser moral do escritor, na sua vida íntima ou social. Esta dualidade é impossível. A relação de concordância e de harmonia perfeita entre o carácter do homem e os métodos do escritor, verificada na pessoa de ALBERTO SAMPAIO, é ainda Luís de Magalhães quem primorosamente no-la acentua, com precisão notável: «A sua forma de trabalho, constante e quasi indefinido, a sua insistência na investigação exhaustiva de um determinado ponto, o seu infatigável amor do detalhe preciso e justo e da certeza incontroversa, o seu método de história todo assente em factos, o seu processo de informação directa, buscada, com imperturbável paciência, nos seus elementos positivos, nos diplomas coligidos pela erudição, a sua probidade e imparcialidade de historiador levada aos últimos limites do escrúpulo — definem, aí, ao mesmo tempo, a feição literária do escritor e o

(1) Carta de Alberto Sampaio para Luís de Magalhães, de 10-2-1902.

(2) Prefácio cit., pág. viii.

carácter do homem de que aquela é um desdobramento intelectual» (1).

*

Como historiador, não podia ALBERTO SAMPAIO alhear-se da marcha dos acontecimentos políticos do seu tempo. Não foi, porém, um simples espectador; como cidadão exemplar e patriota, intensamente o preocupava a gravidade de um período político cujas lutas partidárias arrastavam a nação para a ruína, num declive assustador. Mas, tal como Sarmento, não quis ser um político militante e praticante, na acepção vulgar da palavra. Os problemas de ordem económica, de cujo equilíbrio dependia toda a ordem política, atraíram principalmente a sua atenção. Porém, apesar de estranho às lutas inglórias da política, nunca recusou opinião, auxílio e conselho aos políticos honestos que lho pediam, e pertenciam à roda dos seus íntimos, como Oliveira Martins e Luís de Magalhães. Na célebre, quão deplorável questão que, em 1885, surgiu entre Guimarães e Braga, foi um acérrimo defensor dos interesses da sua terra natal, por cuja causa se bateu arduosamente na imprensa (2). Em diversas cartas aqui reproduzidas, transparecem, bem claras, as suas afinidades partidárias: manifestou-se sempre um homem ponderado e calmo, solidário com o princípio monárquico, mesmo numa época em que a exaltação do credo republicano contagiava principalmente os intelectuais; mas nem por isso traía jamais o seu pensamento, sempre aberto a todas as idéias liberais, dentro do prestígio e do acatamento das hierarquias. Comovia-se e afligia-se com a corrupção dos últimos anos da política que precedeu a queda da Monarquia, tendo-se pôsto moralmente ao lado do primeiro Ministério franquista, do qual o seu dilecto amigo Luís de Magalhães fizera parte, na esperança de que um caminho de administração honesta e sã pudesse ainda salvar o país e o regime.

(1) Ibidem, pág. xv.

(2) Vide o Jornal portuense *A Provincia*, de Janeiro de 1886.

*

ALBERTO SAMPAIO era Sócio da Sociedade Martins Sarmento desde a fundação desta Colectividade, em 1882. Em 1891 foi proclamado Sócio Honorário, em Sessão de 4 de Fevereiro (1). A esta Casa consagrou, como dissemos, particular simpatia, pela obra espiritual que a impõe e dignifica. Colaborou com diversos estudos, na «Revista de Guimarães» (2). No ano imediato à morte de Sarmento consagrou-lhe nas páginas da *Portugália* um formoso artigo de elogio e saúdade, que é ao mesmo tempo um dos mais fiéis retratos espirituais do grande pré-historiador vimaranense (3). Uma funda amizade ligou em vida estes dois homens, dos mais notáveis da nossa terra, cujas afinidades intelectuais eram manifestas. A ALBERTO SAMPAIO e a Domingos Leite de Castro dedicou Martins Sarmento o seu importantíssimo trabalho sobre os «Lusitanos, Lígures e Celtas», tema de uma acerada polémica que sustentou brilhantemente com o notável filólogo Adolfo Coelho (4). Mais novo oito anos do que Sarmento, sobreviveu-lhe ALBERTO SAMPAIO ainda

(1) Vide «Revista de Guimarães», vol. VIII, 1891, pág. 99 e 100.

(2) Os trabalhos que Alberto Sampaio publicou nesta Revista foram os seguintes:

— «Resposta a uma pergunta — Convirá promover uma Exposição industrial em Guimarães?». (Vol. I, p. 25)

— «O presente e o futuro da viticultura no Minho — Estudo de economia rural». (Vol. I, p. 196; vol. II, p. 20)

— «Estudos d'economia rural do Minho». (Vol. II, p. 203; vol. III, p. 146; vol. IV, p. 21 e 77)

— «A propriedade e cultura do Minho». Primeira parte (fragmento). (Vol. V, p. 49)

— «As Villas do Norte de Portugal» (Fragmento). (Vol. X, p. 161 e 209; vol. XI, p. 139; vol. XII, p. 5, 65 e 155; vol. XIII, p. 19; vol. XIV, p. 161)

— «Luiz de Magalhães — D. Sebastião». (Vol. XV, p. 43)

— «João da Motta Prego — Guia prático para o emprêgo dos adubos em Portugal». (Vol. XVI, p. 48).

(3) Vide Rev. «Portugalia», Pôrto, I vol. (1899-903), p. 417.

(4) Trabalho publicado inicialmente na «Rev. de Guimarães», de 1891 a 94, vols. VII, VIII, X e XI. Reeditado nos «Dispersos», de M. Sarmento, Coimbra, 1933, pág. 338 a 415.

durante nove anos, finando-se, com 67, na casa de Boamense (Famalicão), pelas 9 horas da manhã do dia 1 de Dezembro de 1908. Como Sarmento, formara-se muito novo ainda, aos 22 anos, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Acabada a formatura, passou em Guimarães a maior parte da vida, de onde só retirou para o Pôrto, em princípios de 1900, após a morte, no ano anterior, de seu Irmão José, com quem morava, e a quem dedicou sempre a mais sincera e fraterna amizade.

*

No ano do seu Centenário, e como preito à Memória dêste grande Vimaranense, a Sociedade Martins Sarmento, em lugar de uma colectânea de artigos apologeticos, como é de uso freqüente coordenar-se, preferiu homenagem mais singela, mas não menos expressiva, por ser intensamente reveladora da personalidade de ALBERTO SAMPAIO:— reproduzir uma série de cartas inéditas do eminente erudito vimaranense. Será, portanto, êle próprio quem, na expressão correntia da sua troca de impressões com amigos predilectos, nos virá revelar facetas puríssimas da sua inteligência luminosa, da sua quasi doentia sensibilidade e inexcedível delicadeza, do seu carácter impoluto. E' precisamente na correspondência particular para os amigos mais queridos, lançada ao papel, *currente calamo*, sempre sem quaisquer preocupações de publicidade, que a feição pessoal dos grandes homens se nos revela com mais espontânea e límpida verdade.

Publicando hoje estas cartas, decorridos 33 anos após a morte de quem as escreveu, mortos igualmente os destinatários, não cometemos a menor indiscrição, porque tôdas elas, embora íntimas, tratam de assuntos sem confidência, ou que, no dobar do tempo, a perderam. Sob êste critério foram cuidadosamente escolhidas. Umas são de carácter puramente afectivo, impregnadas de um bucolismo encantador, de uma nota de tristeza e de saudosismo impenitente; outras incidem sobre assuntos literários e de investigação histórica; finalmente, as restantes abor-

dam factos de natureza política. Muitas delas, se não tôdas, dão a conhecer a austera integridade do carácter honestíssimo de ALBERTO SAMPAIO, ou os primores da sua bondade e humildade cristãs.

Homenagem simples e piedosa a da Sociedade Martins Sarmento, que, para exaltar condignamente o nome e a memória de um homem, lhe bastou coligir alguns conceitos da sua inteligência e algumas palavras de affecto que a sua mão lançou ao papel, como se recolhêssemos, comovidamente, tantos anos volvidos, algumas pétalas, ainda rescendendo aromas das flores que êle cultivou, e se houvessem desfolhado no seu caminho (!). Homenagem simples, é certo, mas, na sua singeleza, nobre e digna, porque não ousamos perturbar, nem diminuir com o clangor inútil e vão de hosanas pomposos, por vezes apenas espelho de vaidades, a memória de um homem cuja vida decorreu sempre num ambiente de silêncio quasi monástico, de voluntária renúncia e de modestíssima e natural simplicidade. E para muitos terá, porventura, tanto ou maior interesse conhecer, na sua discreta e recatada intimidade, o coração e a inteireza moral de um homem superior, do que a sua erudição, aliás patente e ao alcance de todos na fecunda obra literária que nos legou.

*

Os originais das cartas inéditas que vão ler-se pertencem, só em parte, ao Arquivo de Reservados da Sociedade Martins Sarmento, porque as dirigidas a Luís de Magalhães foram-nos amavelmente facultadas, para cópia, pela Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, Viúva dêste saúdoso Escriitor; e as endereçadas a Oliveira Martins confiouno-las o Ex.^{mo} Sr. Francisco d'Assis Oliveira Martins, Sobrinho do insigne historiador de *A Vida de Nun'Alvares*. Aqui testemunhamos o nosso profundo agradecimento a quem, com tamanha dedicação e bem manifesto interesse, quis ajudar-nos na publicação dês-

(!) Alberto Sampaio foi, além de um agrónomo e viticultor distintíssimo, um apaixonado da floricultura.

tes autógrafos, tanto mais que muitas das anotações que esclarecem a sua leitura nos foram igualmente facultadas por aquela distintíssima e bondosa Senhora e por êste ilustre publicista.

Tentámos ainda obter mais alguns autógrafos dirigidos a outros amigos muito íntimos de ALBERTO SAMPAIO, especialmente a Antero de Quental, ou a pessoas também amigas, que com êle privaram de perto, como Ricardo Severo, Rocha Peixoto, etc. Mas não foi possível consegui-los (1).

Uma observação se impõe ainda, a propósito da publicação destas cartas: foram rigorosamente transcritas dos originais e cuidadosamente revistas, respeitando-se em absoluto a sua ortografia. A partir de 1904, essa ortografia modifica-se, deixando transparecer que ALBERTO SAMPAIO adoptou sem relutância, porventura com entusiasmo, como disse Jaime de Magalhães Lima (2), a simplificação e uniformização ortográfica, proposta, nesse mesmo ano, por Gonçalves Viana, no seu volume «Ortografia nacional». Até neste pequeno detalhe ALBERTO SAMPAIO se nos revela um espírito superior e largamente tolerante, pronto a aceitar tôdas as inovações que se lhe afigurassem racionais e justas, não se deixando envelhecer agarrado, como tantos outros, por simples teimosia, sem inteligência nem critério, ou por um falso conceito de personalidade literária, a formas de escrever obsoletas ou francamente errôneas.

MÁRIO CARDOZO

Pres. da Soc. M. S.

(1) Acerca da correspondência de Alberto Sampaio para Antero de Quental, informou-nos, de Ponta Delgada, o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Bruno Carreiro de que nenhuma carta dos mais íntimos amigos de Antero (como de Oliveira Martins, Alberto Sampaio, Germano Meireles, Lôbo de Moura, etc.) foi encontrada no seu espólio. Supõe o obsequioso informador que o Poeta tenha destruído todos êsses autógrafos, antes da sua partida de Vila do Conde para S. Miguel, em 1891.

(2) Conferência cit., pág. 58.